OS JUDEUS E O DECLÍNIO DA IGREJA

 Mateus Soares de Azevedo

"Quando a perseguição nazista começou, ninguém nos ouviu. Nem a universidade, nem os jornais, nem o partido comunista, nem os socialistas, nem os liberais. A única instituição que ouviu e ajudou os judeus foi a Igreja Católica."

O autor da frase é Albert Einstein. Ele testemunha, apesar dos preconceitos e da ignorância histórica, que a Igreja não se caracteriza exatamente por perseguir judeus. Muito pelo contrário.

Otto Maria Carpeaux era outro que reagia sempre que ouvia críticas maldosas ou mal informadas à Igreja. Ele foi um dos inúmeros judeus que conseguiram fugir da Europa para o Brasil graças à ajuda do Vaticano. É comum ouvirmos judeus falarem que a Igreja tradicional (isto é, Igreja anterior ao concílio Vaticano II, 1962-65) não fez nada pelos judeus, ao contrário de João XXIII e da igreja pós-conciliar.

Mas a verdade histórica não é bem essa. Vejamos a seguir algumas das ações de Pio XII, o papa a quem se atribui a curiosa legenda de ter sido indiferente à sorte dos judeus.

Até no Brasil, as ações positivas de Pio XII (Papa durante o difícil período da guerra e da reconstrução do pós-guerra, chefiou a Igreja entre 1939 e 1958) podem ser comprovadas. A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, conserva uma carta do Sumo Pontífice a Getúlio Vargas em que o presidente brasileiro é instado a receber milhares de judeus da Europa!

Pio XII também pressionou Roosevelt para que os Estados Unidos recebessem mais judeus europeus. Ainda como secretário de Estado do Vaticano, um de seus últimos atos antes de tornar-se Papa foi enviar cartas a todos os bispos norte-americanos e canadenses lamentando a "deplorável relutância" de parte das universidades destes países em aceitar mais cientistas, pesquisadores e professores judeus. Ele pedia à hierarquia católica que resolvesse o problema.

Foi igualmente o futuro Papa quem providenciou, em 1937, a transferência da Torá e do material litúrgico da principal sinagoga de Munique para um lugar mais seguro, o palácio episcopal local. Em 1944, mandou gravar o selo papal na principal sinagoga de Roma, antes que cidade fosse tomadas pelas tropas alemãs.

Quando Hitler visitou oficialmente Roma, em 1938, o então cardeal Eugenio Pacelli, depois Pio XII, fez com que o já idoso Pio XI fôsse levado às pressas para Castel Gandolfo, a residência de verão dos pontífices romanos, para não se avistar com o **führer.** Além disso, para grande embaraço do governo italiano, fechou a Capela Sistina, apesar de Hitler ter manifestado o desejo de apreciar as obras de Michelangelo, um de seus artistas favoritos. (cf. **From Rome Urgently** e **The Undermining of the Catholic Church**, de autoria da jornalista e escritora americana Mary Martinez.)

Em 1940, Pio XII criou em Roma o comitê católico para os refugiados. Este comitê preparou o terreno para que milhares de judeus fossem para os Estados Unidos, fornecendo-lhes ajuda financeira e documentação apropriada. O historiador francês G. Roche estima que, em 1942, mais de um milhão de judeus estavam abrigados em conventos e monastérios de toda a Europa. O próprio Papa deu o exemplo, instalando 15 mil deles em Castel Gandolfo, bem como vários milhares na cidade do Vaticano. A multidão era tal que havia judeus vivendo o lado dos aposentos pontifícios!

Quando alguns católicos atacam o concílio Vaticano II, muitos judeus, especialmente os "progressistas", assustam-se e não entendem a posição, argumentando que antes os judeus eram perseguidos e que se a Igreja "retornar ao passado" a hostilidade voltará. Ora, não custa nada lembrar que, já em 1937, um representante da Igreja tradicional, Pio XI, contando com a ativa colaboração do cardeal Pacelli, lançou a encíclica **Mit Brennender Sorge** ("Com grande preocupação"), que ataca o nazismo.

Se houve bispos e padres que silenciaram em face dos horrores nazistas – o que certamente ocorreu – , não se pode acusar a Igreja como um todo pela covardia ou ignorância de alguns.

Mas, enfim, graças ao Concílio Vaticano II, a Igreja Católica está à deriva.

Há cada vez menos canais, por sua vez cada vez mais finos, que a ligam à fonte de seu poder, de sua autoridade e sua vitalidade.

Para constatar isso, basta verificar os números, impressionantes. Só no Brasil, mais de meio milhão de católicos abandonam a Igreja por ano, consequência direta das equivocadas orientações pós-conciliares. Os números repetem-se, grosso modo, mundo afora.

Esta decadência acentuada da Igreja Católica, apesar das aparências e da satisfação óbvia de alguns, não interessa aos judeus. Por quê? Porque – e pensamos aqui em Chesterton, que dizia que o grande problema do ateísmo não é que as pessoas não acreditam mais em Deus, mas sim que passam a acreditar em qualquer coisa! – esta multidão religiosamente desorientada pode ser cooptada por correntes as mais extravagantes. Ela óbviamente não vai se converter ao judaísmo, mesmo porque o judaísmo não faz proselitismo. Estes indivíduos podem ser, e de fato muitas vêzes são, instrumentalizados por correntes irracionais – e o que foi o nazismo senão um forma aguda de irracionalismo, fortemente influenciada pelo ocultismo? Sabe-se que Hitler era adepto, entre outras esquisitices, das teses e práticas de um carismático prestidigitador, o armênio Gurdjief. A suástica é uma indicação evidente desta ligação ocultista dos nazistas. Um racismo latente e mesmo os rancores anti-semitas podem ser fácilmente instrumentalizados.

Nesta hora, a prudência deveria nos fazer lembrar as palavras de Einstein, deixar o preconceito, a má vontade e a ignorância de lado e ser realista. Mas, do jeito que está, a Igreja não pode nem ajudar-se a si mesma, quanto mais auxiliar os outros!

Demonstrando grande argúcia, o rabino chefe do sinédrio de Paris declarou na época das reformas conciliares: “Os católicos estão tentando adaptar a religião aos homens, enquanto que deveriam se preocupar em adaptar os homens à religião”. Esta é a chave do problema.

O autor é jornalista e tradutor